

O HOMEM E A SOCIEDADE – A NECESSIDADE DE SER *EU*

Se toda a gente é peça desta engrenagem que é a sociedade, o educar é pela própria razão da sua função uma peça muito mais intensa. Na realidade, a definição mais simples de educador é a de transmissor actuante junto de toda a gente, mas mais particularmente junto das gerações novas, daquilo em que a sociedade acredita. Temos assim que na palavra educador e na sua função está implícito o binómio transmissão–sociedade. Dentro desta noção somos levados a repensar o que é que a sociedade hoje em dia acredita e o que é afinal essa sociedade de que educador e o educando são peças fundamentais.

Quanto ao primeiro aspecto a resposta surge fácil embora carregada de implicações e canseiras: no campo da educação, a sociedade acredita que as pessoas devem ser educadas para a liberdade, para a criatividade e para a responsabilidade de modo a poderem atingir a plenitude das suas potencialidades. Por detrás destes objectivos pedagógicos, servidos fantásticamente por um sem número de técnicas, de escolas, de credos, de ciência, está uma concepção filosófica de base que é a do nosso tempo. A filosofia depois de ter pensado o homem como realidade física, como o ser-cidadão, o ser-que-pensa, dá, a partir do século XIX, a tónica à vida humana, distinguindo-a da vida biológica. O Homem é encarado como o ser que constrói a sua vida, intransferivelmente, obedecendo a um projecto mais ou menos pessoal, dum modo mais ou menos fiel àquilo que se vai descobrindo. A vida humana é assim uma história de cada um, de tal maneira cada um de nós se define pela forma que vamos dando à nossa vida, o que permitirá, por exemplo, o filósofo espanhol Ortega y Gasset dizer que cada pessoa é afinal o novelista de si próprio,

Neste sentido podemos compreender as propostas da pedagogia contemporânea para que cada um consiga ser aquilo que vai descobrindo que é e aquelas ideias tão conhecidas de todos nós, da educação para a responsabilidade (a vida é única e original, não se pode desperdiçar), da educação para a criatividade (cada um tem de ‘se inventar’ sob pena de se prostituir) e da educação para a liberdade (cada um tem o dever e o direito de responder ao que se propõe).

O modo de viver essas directrizes surge hoje em dia angustiante porque a característica antropológica do Homem-Ser-Desamparado se conjuga com a nossa circunstância temporal de crise e massificação.

Sem pontos de referência em que se estribar, o Homem não chega a ser, como sobejamente ilustram os casos das crianças selvagens. Por outro lado, o excesso de envolvimento por esses pontos de referência pode levar ao atabafamento da originalidade que se é, e conduzir à uniformização a diluição de cada um na massa social. Vivemos hoje uns tempos de crise; estão em crise os suportes tradicionais da estrutura da sociedade – a Família, a Escola, a Igreja, o Poder, o Trabalho, o Descanso, as Relações e a própria definição dos Sexos, a Morte e até a própria concepção da Vida. Aliás, não é impunemente que se anteveem as passagens para novos espaços e que se caminha a pleno vapor (passe a expressão...) para o mundo da informática. O re-ajustamento de valores perante novas situações e a consciencialização da escolha perante tão grande gama de informações são reptos lançados aos homens da nossa época. Seria conveniente tirar à palavra crise a sua conotação de decadência pois crise é concomitante com mudança – a sociedade muda – e a História, que é a biografia dos homens em sociedade, ensina-nos que um dos dados mais constantes do homem é a mudança e essa mudança põe novos problemas e desinstala as soluções encontradas e coloca-nos em permanente solicitação de desafio. Embora incómoda e às vezes dolorosa, esta nossa época, pela crise em que está, é afinal estimulante e convida à imaginação.

Paralelamente, aperfeiçoam-se na sociedade os sofisticadíssimos meios de nos orientarem anonimamente - a propaganda para os objectos a consumir, os sentimentos a ter, os problemas a viver, é cada vez mais intensa e eficaz e cada vez se é mais igual, mais 'normalizado' embora às vezes, ilusoriamente convicto de que não se é, dado que as contestações ao 'social' e a reivindicação por pretensos direitos são também produto de manipulações. Difícil se torna portanto responder à orientação filosófica e pedagógica do nosso tempo no sentido de sermos, cada um de nós, pioneiro do nosso próprio continente, continente que vamos descobrindo ao desbravar as nossas sendas, numa grande e aliciante tentativa de sermos nós próprios. E difícil é, evidentemente, a tarefa do educador.

Será pois interessante re-ver a realidade do viver e do educar.

Para tal podemos recorrer a um sem número de teorias, todas elas, e como se sabe, pontos de vista. No caso presente, orientar-nos-emos pelas ideias do

filósofo atrás citado, Ortega y Gasset, cujo método de pensamento se baseia naquilo a que ele chamou a razão vital ou histórica e que consta em aprender a estrutura da vida humana através da análise do seu próprio acontecer.

Considera este pensador que "a vida humana é uma realidade estranha da qual o primeiro que há a dizer é que é a realidade radical, no sentido de que a ela temos de referir todas as outras, já que todas as outras realidades, efectivas ou supostas têm de, de uma maneira ou outra, aparecer nela" (Ortega y Gasset, *História como Sistema*). O aspecto mais elementar, mas simultaneamente mais importante da vida humana é que o homem não tem *outro* remédio do que estar fazendo algo para se sustentar na existência. A vida é pois algo que se tem de estar a fazer constantemente. A vida é a-fazer.

Disparada até nós, sem que nada tenhamos feito para tal, uma vez nela 'empossados' temos de a fazer constantemente, pelo que Ortega y Gasset a define como um afazer inexorável que cada qual tem de fazer insubstituivelmente, intransferivelmente. Este afazer que é um gerúndio, que é um fazendo, processa-se numa circunstância dada, mas que se vai também modelando. Com efeito, estabelece-se uma relação de inter-reciprocidade entre o eu que vive e a circunstância em que se move de tal modo que a estruturação de um e doutro dependem da reciprocidade que entre eles se estabelece. Por isso o filósofo define "eu sou eu e a minha circunstância; se não a salvo a ela, não me salvo eu".

A circunstância oferece inúmeras possibilidades de afazer, portanto de ser. Fazer isto ou aquilo é uma determinante constante que se oferece a cada um de nós. Escolher é assim uma obrigatoriedade que surge perante cada qual. Deste modo o filósofo conclui que afinal os homens são livres à força porque, para irem sendo, têm fatalmente que estar escolhendo isto ou aquilo, que é como quem diz, fazer isto ou aquilo.

Na circunstância encontra-se de imediato 'os Outros'. Estabelece-se com eles uma relação de co-existência dado que eles são algo cuja presença está ali, tal como para eles também somos algo que ali está. Estabelecem com alguns uma relação inter-individualizada, ou seja mais pessoal. Da outra-existência passamos à convivência, dado que partilhamos um mundo supostamente comum. Num e noutro caso, apercebemo-nos do 'eu', só depois de nos termos apercebido dos 'outros' e dos 'tus', o que não deixa de ser interessante para quem tem de ser o novelista de si próprio. Mas no mundo da circunstância encontramos ainda um terceiro nível de socialização que é precisamente aquele

que se pode chamar o nível do 'social' e que é constituído por tudo aquilo que chega até nós, pessoas, dum modo impessoal: os usos, os hábitos, as vigências, que fazemos porque sim, porque toda a gente faz e sem os quais não atingiríamos a nossa condição humana. São o meio para a nossa integração social; permitem a compreensão dos outros, são um código de comportamento. Essencialmente necessário, o 'social' é também perigoso na medida em que a sua característica principal é a sua impessoalização, ou seja a sua desumanização. Querendo nós ser pessoais e originais conforme nos apontam a filosofia e a pedagogia contemporâneas, somos afinal enformados por algo que se diz, se pensa, se faz porque sim, porque toda a gente o diz, o pensa, o faz. E lembra o filósofo- "Quem é toda a gente?; responde: - Todos e Ninguém". Radica aqui um dos dramas do ser 'pessoa': é que sendo a vida de cada um intransferível, pessoa, única (ninguém vive por mim), vale a pena vivê-la dum modo original e, para descobrir essa originalidade, esse quem sou eu, o eu tem de ir constantemente beber ao social – impessoal – os ingredientes que lhe permitem ser. Nos nossos dias este perigo põe-se particularmente, dada a capacidade da socialização que existe. A pessoalização consiste em dar sentido ao que se vai fazendo, o sentido que corresponda à ideia que se vai tendo de si próprio, portanto ao projecto que acerca de si se vai elaborando. O eu que se estrutura e que é, em última análise, responsável por si tem de andar numa contradição entre o social e o eu, entre o impessoal desumanizado e pessoal humanizado. Reflete-se deste modo a ambígua condição humana em que cada um é único e irremediavelmente só e só, ao mesmo tempo, solidário com todos os que com ele vivem, o antecederam ou se lhes seguirão.

A vida humana é assim diferente da mera vida biológica pois é essencialmente dramática no sentido em que se vai elaborando à medida que o tempo decorre, no eterno risco de se poder vir a errar ou a perder. Viver é pois uma tarefa que pode ser aliciante e empolgante já que é uma tarefa a arquitectar pelo próprio. Seres religiosos, somos também - num dos significados etimológicos da palavra religião – responsáveis perante valores que nos transcendem. Saibamos ser elegantes, também segundo o étimo desta palavra cuja raiz vem do verbo latino 'elegere', escolhendo o que nos fica bem, ou seja de acordo com o que projectamos para nós. Nesta nossa época de crise de valores e de informática estamos mais sós, porque temos de estar constantemente na busca do sentido – o nosso sentido – a dar à nossa vida e temos de estruturar o nosso critério de escolha, para não soçobrarmos diante da avalanche de informação que se adivinha e a podermos usar em nosso proveito.

Neste contexto e dentro desta ordem de ideias, encaremos a tarefa da educação. Exigindo-se ser ele próprio, o educador perceberá a necessidade que assiste ao educando de também ele ser ele próprio, ou melhor, de ir sendo ele próprio. A tarefa do educador será sobretudo a da con-vivência inter-individualizada com o educando, empenhado como está em ir fazendo a sua vida e em que o educando perceba que é a sua própria que ele inaugura e que terá de ir fazendo. Duas autonomias em convivência e em procura, na transmissão e na permuta de referências ou valores. Ao dar sentido a cada uma das suas escolhas, o educador e o educando estão-se a descobrir e a projectar as suas respectivas vidas. Segundo Ortega y Gasset, a sociedade, quando sadia, funciona dentro do esquema da articulação da exemplaridade das minorias e da docilidade a esse exemplo por parte das maiorias. É minoria todo aquele que se pessoaliza dentro do 'social' e que se exige sobretudo a si, antes que aos demais. O modelo que é na sua conduta, mais do que no conteúdo, suscita a imitação que não é cópia, mas assimilação. Tendo-se na mão, na consecução da sua vida, o educador provocará no educando a responsabilização por si próprio e a procura de si próprio.

Temos na nossa terra um pedagogo que é também poeta – Sebastião da Gama – cuja experiência educacional, traduz assim:

“Ensinar e ser. Antes de tudo, ser. A vida de professor deve ser (tanto quanto possível, pobre de nós!) luminosa e branca. Mais do que não ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro... tanto quanto possível, pobre de nós!” (*Diário*, pág. 86).

Detentores hoje de toda uma aparelhagem científica que nos permite desenvolver as potencialidades psíquicas e físicas para bem viver, saibamos como educadores e como pessoas, vivermos a nossa vida na autenticidade, na originalidade e na honestidade, con-vivendo com os outros que nos caem em sorte na nossa circunstância, de modo a que cada um de nós seja uma peça modelada por si próprio. Quanto mais si mesmo se for, melhor se pode entrar na convivência e, segundo o citado filósofo “A forma soberana do viver é conviver, e uma convivência cuidada seria a excelência do Universo”. (Ortega y Gasset).

MARIA TERESA PIMENTA

Revista *A Escola Democrática*, ano VI, nº 3, Novembro de 1983